

A EVOLUÇÃO DE BALARM [PALERMO] ISLÂMICA (831-1072)

THE EVOLUTION OF ISLAMIC BALARM [PALERMO] (831-1072)

Thomas Bonnici *

RESUMO

A ocupação da Sicília pelos aglábidas de Ifríqiya, no início do século 9 EC, trouxe grande desenvolvimento para uma cidade periférica do noroeste do thema Bizantina da Sicília. Quatro testemunhas oculares registram o crescimento de Panormos, agora Balarm, entre 831 e 1040 EC. Theodósios em 878 EC, Ibn Hawqal em 973, al-Muqaddasi em 985 EC e o autor anônimo de Kitab Ghara'ib al-funun em c. 1020 relatam a evolução, gradativa no período aglábida e rápida no período kalbita, da cidade através dos bairros, mercados, mesquitas, fábricas, cemitérios e eventos administrativos. Todavia, o desenvolvimento de Balarm registrado nas fontes literárias fica em descompasso com os escassos achados arqueológicos, que demonstram a destruição total da cidade nas guerras civis entre facções políticas muçulmanas e na invasão normanda pelos irmãos Hauteville.

PALAVRAS-CHAVE: *Balarm. Desenvolvimento Urbano. Aglábidas e Kalbitas. Arqueologia.*

ABSTRACT

The occupation of Sicily by the Aghlabid dynasty of Ifriqiya in the beginning of the 9th century CE brought about tremendous development in the peripheral city of the northwestern region of the Byzantine thema of Sicily. Four eyewitnesses register the growth of Panormos, now Balarm, between 831 and 1040 CE. Theodosios in 878 CE, Ibn Hawqal in 973, al-Muqaddasi in 985 EC and the anonymous author of Kitab Ghara'ib al-funun in c. 1020, report its gradual growth during the Aghlabids and fast development during the Kalbids, involving suburbs, shops, mosques, producing centers, cemeteries and administration events. However, the development of Balarm recorded in literary sources is not proved by the scanty archeological remains. This fact reveals the total destruction which occurred during the civil wars between political Muslim parties and during the Norman invasion by the Hauteville brothers.

KEYWORDS: *Balarm. Urban development. Aghlabids and Kalbids. Archeology.*

* Professor aposentado da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutorado em Teoria de Literatura pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Email: bonnici@wnet.com.br.

Quis etenim visa castellorum et civitatus eorum ampla et difusa ruina, et palaciorum suorum, studio mirabili compositorum, ingenti destructione percognita, Sarracenorum, quorum usibus superfluis hec [et] deserviebant in commoditates, non adtendat esse multiplices miserias magnas et detrimenta innumerabilia?

(Conde Rogério de Hauteville)

INTRODUÇÃO

Traçar a evolução e o desenvolvimento de uma cidade na Idade Média não é uma tarefa simples ou fácil diante da escassez de documentos e do ainda incipiente trabalho arqueológico. Parece uma platitude dizer que a análise do desenvolvimento urbanístico de Balarm ou Palermo, estritamente dentro do período islâmico (831-1072 EC), não é uma exceção, especialmente quando se quer cotejar as fontes e os documentos com pesquisas arqueológicas conduzidas com rigorosos critérios estratigráficos. Essa tarefa é premente porque as interpretações das modalidades geralmente estão em descompasso quando se pretende uma corroboração mútua. Tem-se frequentemente uma impressão generalizada de que as pesquisas arqueológicas na Europa, especialmente na Itália e na Sicília, estejam avançadas e conclusivas. Todavia, pode-se afirmar que a arqueologia medieval científica na Sicília não tem mais de cinquenta anos e o seu desenvolvimento é devido ao esforço autóctone e estrangeiro de pesquisadores dedicados a elucidar e interpretar a instalação e a evolução do regime islâmico na Sicília.¹ Essa tarefa se complica devido ao desafio de novas descobertas documentárias que, adicionando mais dados, acumulam a urgência de novas interpretações e frequentemente revisões das “conclusões” anteriores (MOLINARI, 2004). Por exemplo, a descoberta de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulah al-'uyun*, em 2002, não somente adicionou mais dados sobre a Sicília e a capital muçulmana, mas provocou indagações sobre o contexto mediterrânico dentro do qual o pesquisador terá de interpretar os eventos sicilianos, entre outras coisas.

A destruição de uma das cidades mais importantes do Mar Mediterrâneo islâmico pelas guerras civis sicilianas (1041-1061), as quais implodiram o emirado kalbita, o subsequente arrasamento conduzido pelos normandos (1061-1092), o relativo silêncio de cronistas muçulmanos após 1030 e a sujeição de mais de meio milhão de muçulmanos a um “exército” aventureiro tolheram ao historiador muitos dos meios que poderiam trazer à luz os eventos acontecidos na Sicília e, especialmente, o desenvolvimento da cidade que al-Muqqadasi, no século 10, descreve como a mais esplendida de todas no Império Islâmico.

Esse texto analisa como e porque os aglábidas escolheram Palermo como a capital do emirado e a evolução da cidade sob os fatímidas e kalbitas, durante mais de duzentos e quarenta anos de domínio islâmico, após o qual Palermo tornou-se normanda. Investiga-se a cidade muçulmana com seus bairros,

¹ Entre esses pesquisadores destacam-se Ferdinando Maurici, Francesca Spataforo, Fabiola Ardizzone, Adalgisa de Simone, Franco d'Angelo, Carmela di Stefano, Maria Butera, Henri Bresc, Peter Hans Isler, Elena Pezzini, Rosaria di Salvo, Alessandra Molinari e outros.

suas muralhas, suas necrópoles, seus palácios, suas indústrias, sua cultura, e sua expansão física em todas as direções desde meados do século 9 até a segunda parte do século 11.

UM POUCO DE HISTÓRIA SOBRE OS ANTECEDENTES DE PALERMO

A pujante cidade islâmica de Palermo, escolhida pelas autoridades aglábidas e, mais tarde, confirmada pelos fatímidas para ser o centro do governo do *Imarat Siqillyyya* entre 827 e 1072, tinha somente uma relativa importância durante o domínio bizantino de trezentos anos. De fato, ela nunca pertenceu ao centro do poder do *thema* bizantino da Sicília. O eixo de domínio romano (241 EC- 476 EC) e bizantino (535 EC-827 EC) pendia para o lado oriental do triângulo, especialmente as cidades de Messana (Messina), Catana (Catânia) e Syracusae (Siracusa), embora o segmento noroeste, particularmente Thermae Himerae (Termini Imerese), Panormus (Palermo), Hyccarum (Carini) e Lilibeum (Marsala), tivesse a sua relevância também. Siracusa, na região sudeste, porém, foi, nas palavras de Cícero (1903), “*urbem Syracusas maximam esse Graecarum pulcherrimam omnium*”, durante toda a dominação romana e bizantina, fazendo a intersecção comercial entre o Mar Mediterrâneo oriental e ocidental. Siracusa tornou-se a capital da província romana e, mais tarde, do *thema* bizantino, enquanto Palermo, na região noroeste da ilha, usufruía relativo desenvolvimento e até declínio.

Desde a Antiguidade, a cidade era conhecida como *Panormos*, termo derivado de *παν ορμος* (todo porto), devido ao arco de mar (atualmente chamado La Cala ou Porto de Palermo) onde desaguan os rios Papireto e Kemonia. Procopius (1962) narra que, em 535 EC, usando uma estratégia singular, o general bizantino Belisarios (505-565 EC) conquistou Palermo e a Sicília, tomando-as do Reino Ostrogodo da Itália. Embora Palermo começasse a fazer parte do Império Bizantino, pouca coisa se sabe sobre as vicissitudes da cidade até a crise, ocorrida no século 9, que provocou a invasão da Sicília pelo *jund* árabe-berbere de Ifriqiya. O eixo ocidental do sistema urbano da Sicília bizantina começou a entrar em declínio principalmente devido aos ataques dos vândalos, ostrogodos e, mais tarde, dos árabes, a partir de Tunísia (SAITTA, 1987). Palermo, todavia, se destacava sobre as outras cidades que começaram a entrar em decadência em nível religioso e político (PRIGENT, 2013). Parece que, nos séculos 6 e 7, a autoridade do bispo de Palermo se estendia sobre a vasta região norte-noroeste, mas logo também entrou em declínio quando um novo movimento de urbanização ou de fundações episcopais, como Termini, Cefalù e Trapani, emergiu.

As estruturas urbanas de Palermo durante o domínio Bizantino são predominantemente conjecturais. Procopius (1962) chama Palermo uma simples *χωριον*, cujo espaço *intra moenia* estava dividido em duas áreas: Paleopolis, que se destacava pelo *castrum* e a administração governamental, enquanto Neapolis era maior e abrigava a catedral bizantina, o mercado, as lojas e as residências. Parece que as muralhas da cidade correspondiam às da era púnica (WILSON, 1990; BELVEDERE, 1987), as quais surgiam aproximadamente dez metros acima do nível do mar, resistindo ao ataque dos Vândalos em 440 EC. Somente através de uma estratégia rara as muralhas foram vencidas pelo exército de

Belisarios em 535 EC. A distribuição de necrópoles islâmicas sugere que a cidade não era circunscrita por vasta periferia e, conseqüentemente, sua prosperidade era limitada. Devido à topografia, especialmente delineada pelos rios Papireto e Kemonia e o mar Tirreno, a área urbana não deve ter sido mais de que 40 hectares, ou seja, de tamanho equivalente a muitas agro-cidades sicilianas e menor do que muitas χωμοπολεις² orientais. A relativa importância de Panormos, especialmente para os séculos 6 e 7, pode ser auferida por suas fundações religiosas e igrejas, particularmente realizadas por Gregório I (590-604 EC) e pela “aristocracia” remanescente, quando a classe senatorial se deslocou para as cidades costeiras orientais da Sicília.

A economia de Panormos em época bizantina era baseada na agricultura de seu vasto interior e no seu porto. A cerâmica exportada para a Itália continental, o cultivo de linho e papiro perto da zona portuária, a importação de linho egípcio para a indústria têxtil siciliana (σαβανον), o cultivo da uva e a produção de vinho, o grande número de mercadores judeus e a grande quantidade de naufrágios mostram a pujança de uma rede de comércio entre a Sicília e a África do Norte, Egito e Roma (GOITEIN, 1971). Como em tempos imperiais romanos, os grãos cultivados nos grandes latifúndios senatoriais, eclesiásticos e imperiais garantiam prosperidade à cidade durante a época bizantina, com extensa rede de distribuição para locais mais longínquos (e.g. Ravenna e a costa leste itálica). O renascimento de produtos sicilianos aconteceu no início do sec. 7, os quais encontraram compradores nas regiões de Roma e Nápoles. Por outro lado, produtos do sul da Itália inundavam a Sicília, especialmente com o declínio da costa oeste após a queda da África bizantina no início do sec. 8, interrompendo transações comerciais entre Cartago e Roma (PRIGENT, 2013). Pode-se concluir que Palermo com o seu porto, na véspera da invasão aglábida na segunda década do século 9, concentrava o comércio da região oeste da Sicília, mas não deixava de ser uma cidade média.

AS FONTES

Exceto *Tar'ikb Jaz'irat Siqilliya*³ [A história da ilha de Sicília] do séc. 10-11, a crônica mais relevante sobre a Sicília islâmica é *Kitab al-kamil fi al-tarikh* [A história completa], de Al-Athir (1160-1233), de onde todos os outros autores muçulmanos derivaram suas informações. Há três relatos de testemunhas oculares de Palermo islâmica, ou seja, o iraquiano Ibn Hawqal (m. 988 EC), o qual visitou Palermo em c. 973 e escreveu *Surat al-'Ard* [A natureza da Terra] em 977⁴; o palestino Al-Muqaddasi (946-1000), o qual escreveu *Abson at-taqasim fi ma'rifat al-aqalim* [As melhores classificações para o conhecimento das

² Aldeias-cidades, sem o título de cidade.

³ Mais conhecido como *Crônica de Cambridge*, o texto de autor anônimo narra sucintamente eventos ocorridos na Sicília entre 827 e 965 EC e foi escrito entre os séculos 10 e 11, provavelmente por um siciliano arabizado de tendências cristãs. Michele Amari a traduziu do árabe, mas duas versões gregas (Biblioteca do Vaticano e Biblioteca Nacional da França) foram encontradas em 1890.

⁴ Os manuscritos de *Surat al-'ard*, de Ibn Hawqal são: (1) o mais completo manuscrito, caracterizado por uma extensa descrição de Palermo, descoberto em Istambul e publicado por J.H. Kramers em 1938-1939, com traduções mais recentes em vários idiomas; (2) os manuscritos de Leiden e Oxford, de onde De Goeje baseou sua edição de 1873 e Michele Amari fez sua tradução em 1880; (3) o manuscrito na Biblioteca Nacional em Paris, um compêndio das duas versões do séc. 12.

regiões]; o *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulab al-'uyun*, o mais recém-descoberto texto com o mapa da Sicília, escrito em c. 1020 por um autor anônimo (provavelmente egípcio), o qual conhecia pessoalmente Balarm e a Sicília.

A TRANSFORMAÇÃO DE PANORMOS EM BALARM

Balarm sob os Aglábidas (827-903)

Em seu *Kitab al-kamil fi al-tarikh* [A história completa], Al-Athir (1160-1233) narra que Palermo foi conquistada por tropas aglábidas em 831 EC. As tropas árabes-berberes, solicitadas pelo turmarco⁵ siciliano Euphemios numa intervenção contra a autoridade de Constantinopla, invadiram a Sicília em 827 EC. A conquista definitiva da ilha foi lenta (827-976), mas Palermo logo foi subjugada e, ao que parece, tornou-se a capital do emirado da Sicília, provavelmente dentro de dois anos da sua captura (DE SIMONE, 2000).⁶ Não é fácil provar essa afirmação diante do fato de que Palermo não era nem a cidade mais importante da Sicília nem a capital bizantina da ilha. Provavelmente foi escolhida devido à resistência de Siracusa, a qual foi rendida apenas em 878 EC, à instabilidade militar na região oriental da Sicília, à excelência de seu porto, à proximidade com a Ifríqiya e ao distanciamento da região leste, ainda influenciada por Constantinopla. Portanto, entre 831 EC e 1072 EC, a antiga Panormos tornou-se *Balarm* ou *al-madina* ou *madinat Siqilliyya*. Nesse período, a Sicília se afastou da influência do Império Bizantino e entrou no *dar al-Islam*, ou seja, tornou-se uma província do Império Islâmico, com Qayrawan e Cairo como epicentros sucessivamente (TALBI, 1966). Balarm, a sede do *jund* (exército) aglábida, continuou a irradiar o *jihad*⁷ contra os Bizantinos até os confins de *al-'ard al-kabira* (a Itália continental).

A primeira notícia sobre Balarm é dada sucintamente pelo autor de *Tar'ikh Jazirat Siqilliyya*: “No ano 6340 [831-832] foi capturada Ban.arm [Palermo]” (AMARI, 1880, p. 278). Segue-se a relevante notícia de as primeiras moedas aglábidas sicilianas (*dirham*<δραχμη) foram cunhadas em 844-845 EC, especificamente em Madinat Balarm, o que mostra uma importante elevação de status da cidade. A terceira notícia foi dada após a primeira captura de Siracusa, em 878, na qual Theodosios⁸, μοναχος και γραμματικος, preso e removido a Balarm com milhares de siracusanos, descreve a cidade como muito populosa, repleta não apenas por muçulmanos, mas também por pessoas de outras nacionalidades (africanos, asiáticos, judeus, lombardos) e de diferentes religiões (cristãos). Theodosios distingue entre a “cidade original fortificada” e “outros bairros” construídos ao redor, devido ao grande número de habitantes. Balarm possuía um “contarcus”⁹, o qual levou os prisioneiros ao emir muçulmano

⁵ O *turmarco* bizantino pode ser um comandante militar ou governador.

⁶ A afirmação de Al-Athir, de que a população de Palermo foi reduzida de 70.000 para 3.000 após a conquista da cidade, deve ser considerada um exagero.

⁷ Talbi (1966) e Metcalfe (2009) elencam várias incursões dos aglábidas contra a Sicília e a Calábria entre 652 e 910.

⁸ A carta do monge Theodosios encontra-se em grego (somente a parte introdutória) e em latim em ZURETTI (1910, p. 165-173).

⁹ *Contarcus* significa chefe, embora não se saiba de quê; provavelmente *pente contarcus*, ou comandante de quinhentos soldados.

(provavelmente Ja'far ibn Muhammad), que se encontrava sentado, mas parcialmente escondido, num trono situado sobre um terraço. Após uma (suposta) discussão sobre religião entre o bispo de Siracusa e o emir, os prisioneiros passaram pela avenida espaçosa [*simat*] da cidade e foram conduzidos de novo às masmorras. Parece que quarenta e sete anos após a conquista de Panormos, a cidade, agora muçulmana (mas também cosmopolita), já tinha expandido além das muralhas antigas e seus bairros populosos se desenvolviam como núcleos urbanos. A cidade estava organizada e contava com espaços habitacionais, espaços de distribuição de justiça e espaços penais. Em outras palavras, Balarm começou a adquirir feições de uma cidade importante e de capital do emirado.

Evidentemente, para que o núcleo púnico-romano-bizantino, chamado Panormos, se transformasse gradualmente em Balarm aglábida, várias modificações eram necessárias para se adequar às normas religiosas (mesquitas, banhos rituais, necrópoles), administrativas (palácio do emir, quartel, lugar para cunhagem de moedas, “escritórios”) e sociais (casas, albergues, mercados, lojas, armazéns, oficinas) muçulmanas. Há pouca informação sobre os itens elencados acima nos primeiros anos após a invasão muçulmana na Sicília. A informação na carta de Theodosios referindo-se aos bairros além de *al-Qasr al-qadim* é corroborada por Ibn al-Athir (AMARI, 1880), o qual narra que em 900 EC os distritos e bairros da cidade foram capturados e saqueados por Abu 'l-'Abbas, filho do emir aglábida Ibrahim.

Achados arqueológicos

Não há atualmente muitas evidências arqueológicas sobre Balarm aglábida, ou seja, o lugar e as características do palácio do emir aglábida, a *jami'* (mesquita congregacional de sexta-feira), a evolução dos bairros *extra moenia*, ou seja, além de *al-Qasr al-qadim*, as técnicas de construção, a pavimentação das ruas e outros itens relevantes. Há o traçado das muralhas e ruas antigas (SPATAFORA, 2005), mas inexitem notícias arqueológicas sobre as edificações que caracterizam a cidade islâmica de Balarm. Mais tarde, Ibn Hawqal se refere a *jami'*, ou seja, a mesquita aglábida que resultou da transformação da antiga igreja cristã bizantina, a qual ocupa o mesmo lugar da atual catedral normanda de Palermo. Garofano (1997-1998) e D'Angelo (2014) relatam que sob a catedral normanda (precisamente no *diaconicon*)¹⁰ foram encontrados, na mesma profundidade, dois fragmentos semelhantes de um pavimento de tijolos que pareciam parte de uma estrutura de grandes dimensões, datada de antes de meados do século 10 EC, provavelmente parte do pátio da *jami'*. Todavia, análises do carvão na massa de liga usada nesses pavimentos revelam uma época imediatamente posterior aos aglábidas.

Frágil também é a confirmação arqueológica referente aos bairros *extra moenia* mencionados por Theodosios e por Al-Athir. Tisseyre (1997) e Di Stefano (1997-1998) divergem sobre a datação de algumas estruturas arqueológicas escavadas sob o atual Palazzo Bonagia, atribuídas pelo primeiro autor aos séculos 9-10. A mesma ambiguidade existe sobre fragmentos ligados à ocupação islâmica no

¹⁰ O *διακονικον* nas igrejas bizantinas é uma espécie de sacristia onde se guardam a vestimenta e os livros litúrgicos.

Convento della Santissima Trinità (também chamado Magione). Apesar das inconsistências arqueológicas acima, as escavações no bairro Castello S. Pietro revelam uma necrópole islâmica construída sobre o substrato rochoso e usada no século 9 EC. Essa necrópole, definitivamente aglábida, antecede estruturas habitacionais relacionadas à evolução de Balarm aglábida fora do *Qasr al-qadim* no século 10 EC. Essa necrópole, portanto, poderia ter se estendido até a área adjacente de Castello a Mare onde túmulos islâmicos também foram encontrados recentemente, datados aos séculos 10 e 11. Parece que, pelo menos para o século 9, a área dessa(s) necrópole(s) não estava dentro do bairro *extra moenia* mencionado pelas fontes literárias e, portanto, sem um contexto urbano condizente. Apesar de intensos trabalhos arqueológicos, ainda não se pode dizer com certeza como os aglábidas ocuparam o espaço da cidade antiga e a desenvolveram para que se tornasse a capital de um país em formação.

Balarm sob os fatímidas (910 - c. 948 EC)

Embora a maioria dos muçulmanos sicilianos fosse sunita, em 910 EC, ‘Abd Allah, o Mahdi, agora califa fatímida de Ifriqiya (909-934), nomeou Al-Hasan ibn Ahmad ibn ‘Ali ibn Kulayb, geralmente conhecido como Ibn Abi Khinzir, como o primeiro emir fatímida (*shi’ita*) da Sicília. O período estritamente fatímida é caracterizado por revoltas contínuas provocadas pela imposição do regime *shi’ita* sobre uma população sunita, ou melhor, do regime fatímida “estrangeiro” impondo a ferro e fogo a submissão dos muçulmanos sicilianos em sua própria terra. Chiarelli (2018) insiste sobre a polaridade entre a elite aglábida em Palermo-Agrigento e o regime fatímida, a ingerência do califado fatímida de Ifriqiya sobre eventos sicilianos (especialmente a introdução de impostos, o desembarque de tropas berberes e a insistência de *jihad* para as regiões cristãs no leste da Sicília e na Calábria), a recusa das cidades cristãs de continuar contribuindo com os impostos, a instabilidade causada por emires fatímidas devido à falta de controle sobre o *jund*, a tentativa singular dos muçulmanos sicilianos de se desligar da tutela ifriqiana e procurar uma espécie de ‘independência’. Conforme Chiarelli (2018), a chegada do novo emir Abu Sa’id Musa ad-Dayf em 916 pode ser considerada a conquista fatímida da Sicília, com domínio absoluto sobre os territórios conquistados, impostos conforme o rito *shi’ita* e um governo centralizado. Todavia, os cronistas muçulmanos narram os conflitos contínuos havidos. É nesse contexto que se pode entender a decisão do emir Khalil ibn Ishaq ibn Ward Abu l-Abbas (937-941) de construir a *Khalisa* em 937 fora das muralhas de *al-Qasr al-Qadim*. *Al-Khalisa*, a “cidade” fortificada e símbolo do poder, foi construída para a segurança do emir fatímida. Abrigava-o com seus familiares e escravos e compreendia um centro administrativo e provavelmente um incipiente *diwan*. De fato, entre 741 e 947, em pleno regime fatímida, a Sicília estava numa situação anárquica, com profundo sentimento anti-fatímida, acoplado à fragmentação facciosa produzida por vários interesses políticos e sociais. Somente Ibn Abi Khinzir, um general conhecido pela sua esperteza e crueldade, mas também com experiência diplomática, podia trazer a paz e a tranquilidade e estabilidade na situação siciliana. Derrotando e submetendo as famílias poderosas de Palermo às suas ordens, de tal modo que o autor anônimo de *Tar’ikh Jazirat Siqilliya*

dizer que “na Sicília, tudo estava indo bem” (AMARI, 1880, p. 289), Ibn Abi Khinzir inaugurava o início da dinastia siciliana dos Kalbitas.¹¹ Ademais, depois da morte do califa al-Mansur, em 953 EC, e a posse de seu filho al-Mu‘izz (953-975 EC), Ibn Abi Khinzir foi confirmado emir da Sicília e, sem proselitismo exagerado entre a população sunita, incumbido de prosseguir com os objetivos fatímidas de controle absoluto da ilha, administração rígida, aceleração do processo de islamização e arabização da população siciliana, e o *jihad* constante contra os cristãos (MAURICI, 1999). A administração kalbita em Palermo foi reforçada através do *jund* em cada *iqlim* (sede distrital) e um *qa'id* (comandante militar) foi nomeado para as cidades fortificadas. As *masjid* tinham de ter um *minbar* (púlpito) para que o *imam* pudesse reforçar a autoridade fatímida sobre a população. Apesar da suspeita de al-Mu‘izz de uma forte tendência dos kalbitas e das elites palermitanas à autonomia, a nomeação de Abu al-Qasim Ibn al-Hasal, irmão de Ibn Abi Khinzir, em 970 EC, confirmou que somente a dinastia kalbita podia manter a ordem na Sicília. Todas as fontes árabes como al-Athir, al-Maqrizi e *Tar'ikh Jazirat Siqilliya* (AMARI, 1880), concordam em creditar aos kalbitas a capacidade de manter a ordem política na Sicília fragmentadas por divisões internas e pela fome que abatia a ilha na época.

Portanto, Balarm foi redefinida sob os fatímidas. A administração islâmica que funcionava na fortificada *al-Qasr al-Qadim*, embora esta continue mantendo sua relevância na vida social, religiosa e econômica da população, foi transferida para *al-Khalisa*, a fortaleza *extra moenia* construída pelos fatímidas. Ademais, a construção de uma área com funções militares, chamada *Mu'askar*, na região oeste de e também fora das muralhas de *al-Qasr al-Qadim* indica a política de centralização comandada pelo *jund* na absoluta dominação fatímida da Sicília.

Balarm sob os kalbitas (c. 948-1040)

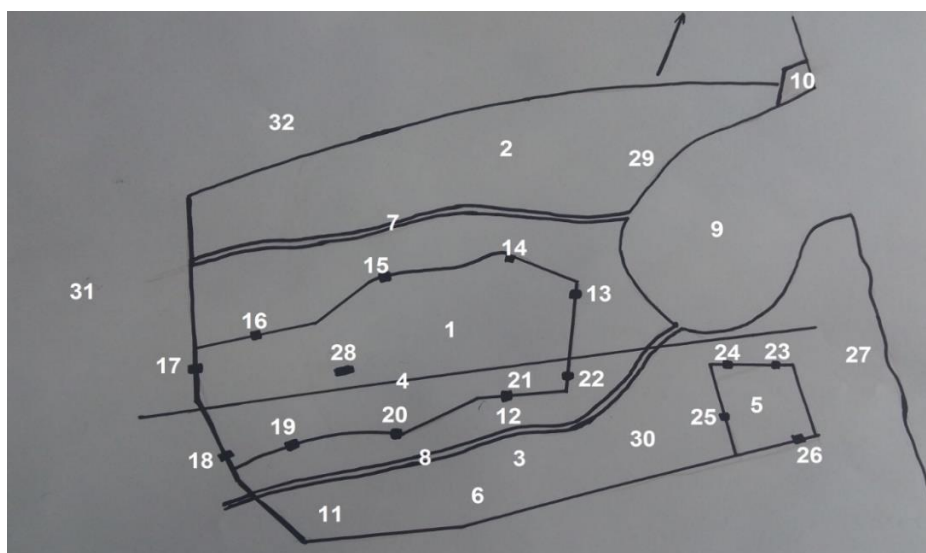
O testemunho de Ibn Hawqal

Ibn Hawqal deixou uma descrição detalhada de Balarm em seu livro *Surat al-'Ard*, quando visitou a capital em c. 973 (AMARI, 1880). Ibn Hawqal começa a narrar que Balarm tem cinco *harat* (bairros): (1) *al-Qasr al-Qadim*; (2) *al-Khalisa*; (3) *Harat al-Saqaliba*; (4) *Harat al-Masjid*; (5) *Harat 'al-Jadida*. Focando a capital kalbita no início do último quartel do século 10, Ibn Hawqal registra que *al-Qasr al-Qadim* é o nome dado à cidade antiga (sucessivamente púnica, romana e bizantina), em formato oblongo, com nove portas (*Bab al-Babr*, *Bab al-Shifa'*, *Bab Shantagata*, *Bab al-Rutab*, *Bab al-Riyad*, *Bab ibn Qurbub*, *Bab al-Ebna*, *Bab al-Sudan*, *Bab al-Hadid*, e uma porta sem nome), circundada por muros formidáveis, onde os mercadores moravam. A avenida principal (*al-simat*), pavimentada de pedras, atravessa a cidade de fora a fora, ao longo da qual há muitas lojas. Nela se encontra a *jami'*, a qual fora a catedral bizantina antes de ser transformada em mesquita pelos aglábidas. O segundo bairro era a *Khalisa* (“a eleita” ou “a sede do poder”), também circundada por muralhas, embora essas não se iguallassem às

¹¹ O nome se deriva da tribo da família Banu Kalb.

de *al-Qasr*. Sem lojas ou armazéns, mas munida de quatro portas¹², na *Khalisa* se encontravam a residência do emir fatímida e de seus familiares e servos, dois *hammam* (banhos públicos), uma mesquita pequena (de rito *shi'ita*), a prisão, o arsenal e os escritórios administrativos. O terceiro bairro, *Harat al-Saqaliba* (o bairro dos eslavos/europeus), é o mais populoso de todos. É o bairro do porto, mas não é circundado por muros. Nele há fontes de água e o *Wadi al-Ruta* (rio Papireto) passa entre ele e *al-Qasr*. O quarto bairro se chama *Harat al-Masjid ibn Saqlab* (bairro da mesquita de Ibn Saqlab), no qual carecem fontes de água; os poços fornecem a água necessária para a população. Nele passa o *Wadi 'Abbas* (o rio Oreto) nos barrancos do qual há vários moinhos: suas águas, porém, não servem para irrigar os hortos e os jardins. O quinto bairro é *Harat al-jadida* (o bairro novo), muito grande, mas não é circundado por muralha; fica perto do *Harat al-Masjid ibn Saqlab*, sem nenhuma divisão entre os dois.

Imagem 1 - Mapa de Balarm (Palermo) islâmica (831-1040)



1. al-Qasr al-qadim; 2. Harat al-Saqaliba; 3. Harat Masjid ibn Saqlab; 4. Simat; 5. al-Khalisa; 6. Harat al-Jadida; 7. Rio Papireto (Wadi al-Ruta); 8. Rio Kemonia; 9. La Cala (o porto); 10. Castello a Mare; 11. Distrito de Kemonia; 12. Harat al-Yahud; 13. Bab al-Bahr; 14. Bab al-Shifa; 15. Bab Santagata; 16. Bab Ruta; 17. Bab Riyad; 18. Bab ibn Qurhub; 19. Bab al-Abna; 20. Bab al-Sudan; 21. Bab al-Hadid; 22. Bab Suq al-Dajaj; 23. Bab al-Kutama; 24. Bab al-Sin'a; 25. Bab al-Bunud; 26. Bab al-Futuh; 27. Ribat; 28. Masjid al-jami'; 29. Maqbara da região nordeste; 30. Maqbara da região sudeste; 31. Mu'askar/Denisinni; 32. Nuova Pretura/Gennoardo.

Fonte: O autor

As lojas se encontram entre esses dois bairros a leste de *al-Qasr*, fora das muralhas. Ibn Hawqal elenca os comerciantes de azeites, os mercadores de farinha de trigo, os tecelões, os cambistas de moedas, os vendedores de remédios, os ferreiros, os alfaiates, os fabricantes e vendedores de armas, os caldeireiros, os vendedores de peixe, os mercadores de cereais, os vendedores de verduras e frutas, os fabricantes e vendedores de jarros, os fabricantes de cordas, os padeiros, os açougueiros, os sapateiros e

¹² Al-Muqaddasi menciona as quatro portas *Bab Katama* (Porta da tribo Kutama), *Bab al-Futub* (Porta das Conquistas), *Bab al-Bunud* (Porta das Bandeiras) e *Bab al-Sin'a* (Porta do Arsenal); afirma também a existência de lojas na Khalisa (AMARI, 1881, p. 671)

outros. Os vendedores de lenha ficam fora das muralhas. Os açougues são mais de 150 dentro da cidade, enquanto há outros no mercado entre o *Harat al-Masjid* e *Harat al-jadida*, além de mercadores de algodão, sapateiros e operários de fiação e tecelagem. O viajante também insiste na grandeza da mesquita congregacional de *al-Qasr al-qadim*, a qual, um dia, estava lotada com 7000 fiéis. Ficou maravilhado com o grande número de mesquitas, o qual passava de trezentas em *al-Qasr al-qadim*, na *Khalisa* e nos outros bairros.

Ibn Hawqal também menciona os *funduq*, ou pensões para abrigar mercadores estrangeiros que chegam à cidade para fazer negócios; os *mahall* ou conjuntos de barracos populares; e o *al-Mu'askar* (quartel dos soldados) fora de *al-Qasr al-qadim* e esparramados ao longo do Wadi 'Abbas. Além desses complexos, Ibn Hawqal descreve os *ribat*¹³, localizados no litoral palermitano. Os *ribat* de Balarm eram o refúgio de estudiosos e juristas sunitas que foram preteridos ou removidos pelos fatímidas. Aos olhos do povo muçulmano sunita e em contraste com a ideologia *shi'ita*, os *ribat* eram lugares onde as pessoas reverenciavam o misticismo islâmico, preferindo-o ao jihad e ao comprometimento bélico. Aos olhos do fatímida Ibn Hawqal, os *ribat* estavam repletos de homens rudes e mal-intencionados, ou seja, eram abrigos onde sunitas conspirava contra o governo fatímida. Ademais, sua crítica às centenas de pessoas que preferiam ser professores a guerreiros mostra uma mentalidade jihadista, da qual, provavelmente, os moradores sunitas de Balarm não estavam muito interessados (CHIARELLI, 2018).

A instalação do governo fatímida na Sicília em 910 EC deu início a uma grande modificação de Balarm, especialmente através da construção da *Khalisa* em 937-938, ou seja, a cidadela fortificada que servia como a sede administrativa do governo fatímida. Foi construída por Khalil ibn Ishaq bin al-Ward enviado para a Sicília para acabar com uma série de rebeliões entre várias facções envolvendo impostos, colonização e posse de terra (METCALFE, 2009). Há ainda muitas discussões sobre a localização e a extensão da *Khalisa*, mas a maioria dos pesquisadores reconhece que foi construída na região da bacia oriental do porto de Palermo (PEZZINI, 1998), em frente e à direita de *al-Qasr al-qadim*, aproximadamente na atual Piazza Kalsa. Todavia, D'Angelo (2014) insiste que as intervenções arqueológicas para detectar as muralhas e as quatro portas da *Khalisa* deram resultados negativos.

Seguindo o modelo usado pelos fatímidas na construção de al-Mahdiyya (Tunísia) em 921 EC, a política dualista entre a *Khalisa* e *al-Qasr al-Qadim* mostra a polaridade entre a elite governante *shi'ita* e a população sunita. A descrição de Ibn Hawqal referente à pequena *jami'*, à residência do emir e da elite *shi'ita* e à proximidade do arsenal indica a restrição e exclusividade da fortaleza à elite dominante. Mais tarde, no mapa da Sicília em *Kitab Gharā'ib al-funun* [O livro das curiosidades], a *Khalisa* seria representada como um edifício encabeçado por uma cúpula, identificado não pelo seu nome, mas como *qasr al-sultan wa-sakanu-hu wa-'abidu-hu* [a fortaleza do emir, sua residência e seus escravos]. Essas representações mostram que os fatímidas deslocaram a sede do poder aglábida de *al-Qasr al-Qadim* para a *Khalisa*. Contudo, *al-Qasr al-Qadim* ou Balarm ou *al-madinat*, ou *madinat al-Siqilliyya*, ainda se destacava com lojas,

¹³ *Ribat* são conjuntos habitacionais perto ao mar para preparar os fiéis à contemplação e à preparação do *jihad*.

mercados, banhos públicos, casas, mesquitas e todos os elementos que caracterizam a cidade islâmica. Em outras palavras, suas muralhas, o comércio pujante, a grande *jami'* congregacional sunita, a elite empreendedora e sua numerosa população continuavam realçando sua relevância social apesar da elitista *Khalisa*.

Nesse conjunto complexo chamado “Balarm”, Ibn Hawqal também menciona uma área separada chamada *Mu'askar* ou lugar para o alojamento das tropas, num contexto de inúmeras mesquitas pequenas, fontes hídricas, campos e jardins. Provavelmente *al-Mu'askar* se situava atrás de *Al-Qasr al-qadima* e o *Harat al-Saqaliba*, na atual área chamada Denisinni.¹⁴ Outrossim, se realmente a nova organização da Balarm fatímida foi concebida tendo o modelo de Mahdiyya, a capital fatímida na Tunísia, com seus agregados al-Mahdiyya¹⁵, Rabad al-Hima¹⁶ e Madinat al-Zawila¹⁷, faz sentido a existência de *al-Mu'askar* nesse complexo da capital do emirado da Sicília.

Passaram-se quase cem anos entre a Θεοδοσιου μοναχου του και γραμματικου επιστολη, no período aglábida (878 EC), e o testemunho de Ibn Hawqal sobre a Balarm fatímida (973 EC). Vislumbra-se uma evolução consistente da cidade: as áreas suburbanas *extra moenia*, as quais Theodosios inicialmente descreveu como repletas de casas, resultaram no avanço de vários bairros fora de *al-Qasr al-Qadima* para um estágio bem desenvolvido, descrito por Ibn Hawqal. Esse plano desenvolvimentista inclui a intervenção fatímida na construção da *Khalisa* e da estrutura organizacional administrativa e fiscal que tudo isso implica. As intervenções prediais em Balarm são realmente uma metonímia da reestruturação do emirado siciliano concebida pelo Mahdi em Ifriqiya (PELLITTERI, 1994), particularmente a continuação imediata do *jihad* para a conquista definitiva da ilha, a reorganização dos *qadi* (juizes) e dos *'ummal* (oficiais), e a constituição de *sabib al-khums* (chefes dos cobradores da quinta) para a cobrança de impostos segundo a legislação *shi'ita*. Embora a falta de evidências robustas sobre a estrutura administrativa seja endêmica, especialmente na transição aglábida-fatímida, com certeza houve uma inovação drástica sobre o período anterior. Provavelmente os *'ummals* mantinham registros das terras e dos impostos auferidos (*khums* e *kharaj*), talvez modelados sobre os agentes rurais aglábidas, tornando a fiscalização mais eficiente e especializada.

Portanto, em meados do século 10 EC Balarm pode ser descrita como uma cidade polinuclear diante de sua complexidade urbana e suburbana. Ela não deixou de se transformar em uma cidade cosmopolita, com um centro comercial próspero e empreendedor, apesar das dificuldades administrativas, fundiárias e políticas inerentes à intervenção peculiar islâmica na Sicília (MAURICI, 2015; DE SIMONE, 2000; ARCIFA, BAGNERA, NEF, 2012).

¹⁴ Talvez uma corruptela de 'Ayn Abi Sa'id. Foi Amari (1854) quem primeiro interpretou o topónimo 'Denisinni' em Palermo atual como 'Ayn Abi Sa'id.

¹⁵ O complexo estritamente residencial do emir e administrativo fatímida de Ifriqiya, equivalente a Khalisa de Balarm.

¹⁶ Rabad al-Hima foi o distrito de Mahdiyya com funções militares, equivalente à *al-Mu'askar* em Balarm, onde o *jund* siciliano era aquartelado.

¹⁷ Madinat al-Zawila foi o conjunto urbano comercial e residencial em Ifriqiya, equivalente à *al-Qasr al-qadim* de Balarm.

A clássica descrição detalhada de Ibn Hawqal é confirmada por al-Muqaddasi em 985 EC em seu livro *Kitab absan al-taqasim fi ma 'arifat al-aqalim* [O livro das melhores divisões para conhecer melhor os climas da terra] (AMARI, 1881). Já no início de sua breve descrição, al-Muqaddasi escreve que Balarm está se tornando tão grande quanto al-Fustat (Cairo), com muito comércio, lugares de produção, moinhos, produtos da terra, especialmente frutas e uvas. A mesquita *jami'* se encontra na cidade interna (*al-Qasr al-qadim*), enquanto os mercados estão nos bairros. Há também outra cidade fora de *al-Qasr al-qadim*, ou seja, *al-Khalisa* com seus muros e as quatro portas, uma mesquita *jami'* e os mercados. Parece que al-Muqaddasi está testemunhando que a expansão lenta no período aglábida se transformou em desenvolvimento acelerado durante o período fatímida. Porém, esse progresso no período kalbita é testemunhado pelo texto e pelo mapa recentemente descobertos.

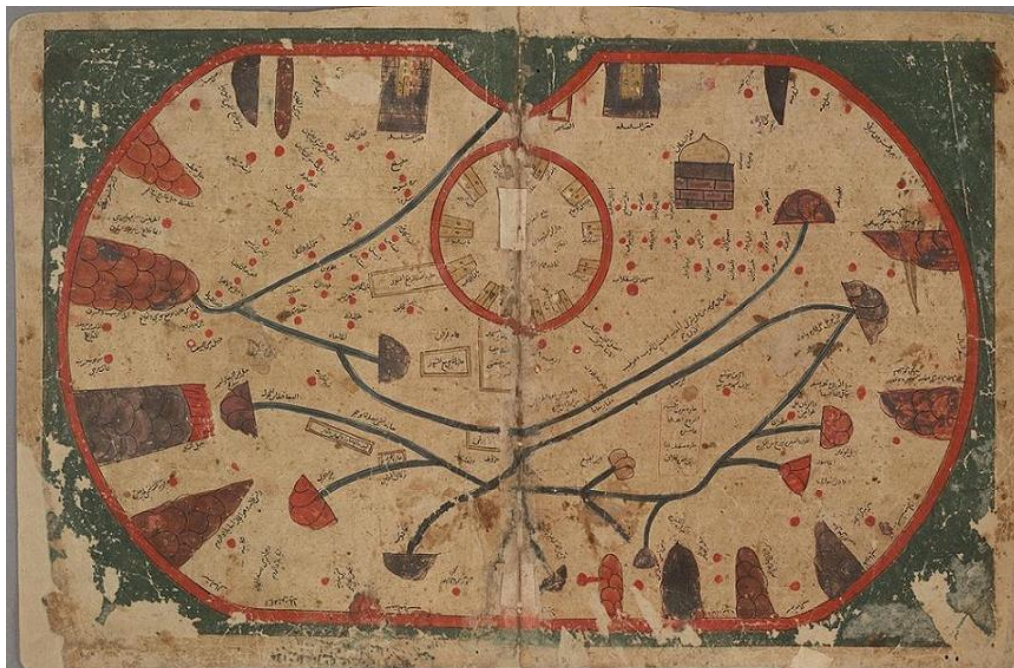
O testemunho de *Kitab Ghara'ib al-funun*

Após os testemunhos de Ibn Hawqal e al-Muqaddasi, há ainda um relato do autor anônimo de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulab al-'uyun* [O livro das curiosidades das ciências e das maravilhas para os olhos], recém-descoberto e adquirido pela Bodleian Library, Oxford, em 2002. O manuscrito original de *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulab al-'uyun* foi provavelmente composto no Egito no início do século 11, talvez entre 1020 e 1050 EC, embora o manuscrito atual seja uma cópia do século 12. A Sicília ocupa apenas o capítulo 12, composto por uma página de texto (f. 32a) e duas páginas (f. 32b-33a) com o mapa da Sicília (JOHNS, 2004). Todavia, o texto literário de *Kitab Ghara'ib al-funun* é fundamentalmente o de Ibn Hawqal, embora várias diferenças sejam evidentes.

Referente ao texto sobre Balarm por *Kitab Ghara'ib al-funun*, menção se faz ao *harat al-Saqaliba, ma'a al-sur* [com sua muralha] construída havia quarenta anos, contrastando-se ao texto por Ibn Hawqal, de 973 EC, que especificamente fala que não havia muralha ao redor do bairro. Ademais, o texto se refere a um novo bairro chamado *al-Ja'fariya*, como 10.000 casas, construído havia cinquenta anos e que aparentemente inexistia no tempo de Ibn Hawqal. Diante do texto, a cronologia poderia indicar que (1) a muralha ao redor de *harat al-Saqaliba* deve ter sido construída c. 1010 por Ja'far ibn Yusuf (990-1019); (2) o bairro *al-Ja'fariya* deve ter sido construído em c. 1000 também na época de Ja'far II, conhecido como um grande construtor.

O mapa da Sicília no *Kitab Ghara'ib al-funun* é totalmente diferente dos mapas árabes da Sicília medieval conhecidos, inclusive do de al-Idrisi. A ilha é representada com o norte no topo; a ilha é isolada das terras ou dos arquipélagos contíguos; ela é esférica e não triangular; os detalhes litorâneos não existem, a não ser uma entrada em forma de U representando o porto de Palermo; somente dois rios são mostrados e há picos de montanhas/colinas ao redor do litoral. O autor superdimensiona Balarm no mapa, mas incorpora adições relevantes quando é comparado com a descrição de Ibn Hawqal. “A cidade tinha forma oblonga, com as lojas se estendendo do leste até o oeste; após todas as edificações, ela tornou-se circular” (JOHNS, 2004, p. 436).

Imagem 2 - Mapa da Sicília e de Palermo (círculo) em *Kitab Ghara'ib al-funun wa mulab al-'uyun*, de c. 1020



Fonte: Bodleian Library. MS. Arab. C. 90.

Segundo o mapa reproduzido pelo autor de *Kitab Ghara'ib al-funun*, há doze portas na cidade antiga ou *al-Qasr al-Qadim*: Bab 'Ayn Shifa'; Bab al-Bi'r (não mencionada por Ibn Hawqal); Bab Shantagata; Bab ibn Qurhub (em homenagem a Utman ibn Qurhub, o conquistador de Balarm em 831 EC); Bab Ruta; dois nomes de portas ilegíveis, uma possivelmente Bab al-Riyad, outra porta com nome ilegível; Bab Al-Abna'; Bab al-Sudan; Bab al-Hadid (que leva ao *Harat al-Yabud*); Bab Suq al-Dajaj entre Bab al-Bahr e Bab al-Hadid (presumivelmente aberta pelo emir kalbita Abu l-Husayn Ahmad ibn al-Husan, 954-969, mas sem nome no texto de Ibn Hawqal); Bab al-Bahr. É importante destacar que o copista coloca duas vezes Bab al-Abna (pondo em dúvida a sua real localização), enquanto Bab al-Hajjarin foi colocada fora do *al-Qasr al-Qadim*. De Simone (2000) sustenta que Bab al-Hajjarin pode ser a nona porta mencionada por Ibn Hawqal, sem nome, construída por Abu l-Hasayn Ahmad.

O mapa fornece muitas informações novas e originais sobre a Balarm kalbita. Todavia, é muito importante salientar que, por enquanto, há apenas interpretações provisórias, já que não saiu nenhuma publicação definitiva sobre o texto e o mapa. Portanto, a localização de vários sítios em Palermo e suas respectivas interpretações podem ser consideradas apenas provisórias. Alguns dos dados mais salientes em *Kitab Ghara'ib al-funun* são elencados a seguir. (1) O *al-Qasr al-qadim* é representado como um círculo com doze portas, ou seja, três a mais que a narração de Ibn Hawqal, como já mencionado; (2) há duas torres (*qasr al-silsila*) em cada lado do porto, fora da muralha, para controlar a entrada e saída do porto, talvez uma perto do Castello a Mare (norte) e outra perto da igreja Santa Maria della Catena (sul), respectivamente; (3) à direita do porto, encontra-se o arsenal (*al-sina'a*), o qual Ibn Hawqal coloca dentro da Khalisa; (4) *al-Qasr al-Qadim* podia exibir um moinho para a fabricação de hena (*mathbanat al-binna'*)

embora não se saiba sua localização precisa; (5) fora de *al-Qasr al-qadim* encontram-se dois bairros, *Harat al-Saqaliba* e *Harat al-Masgid ibn Saqlab*, agora circundados com muros, enquanto há outros bairros novos como *Harat al-Taji ma'a sur* (talvez uma referência ao emir Ja'far ibn Yusuf que recebeu o título de *Taj al-Dawla*, ou Coroa do Estado, do califa fatímida al-Hakim; ou, ainda, o bairro poderia ser o mesmo *Harat al-Ja'fariyya* já mencionado), *Harat Banu Lahm* (derivado do nome da tribo berbere Lahm), *Harat kanisat al-Furub* [Bairro da Igreja da Alegria], o qual talvez pode ser associado a um núcleo bizantino perto do rio Kemonia, sobrevivente durante o regime muçulmano; *Harat Hufrat Gullan* [Bairro do Fosso da Acácia] (talvez localizado perto de San Michele Arcangelo de Cufra); *Harat al-Farida* [Bairro do Dever Religioso]; *Harat al-Haddadin* [Bairro dos Ferreiros]; *Harat tusamma musalla Abu Hajar* [Bairro do Lugar de Oração de Abu Hajar], com sua *musalla* ou lugar onde se celebram as duas grandes festas islâmicas; vários sítios espalhados longe de Balarm, mas dentro do perímetro da capital; (6) parece que o edifício com cúpula (intitulado *qasr al-sultan*) é a representação da *Khalisa* fatímida; (7) *al-Rahba* ou praça para reuniões, situada entre *al-Qasr al-qadim* e a *Khalisa*.

Já Ibn Hawqal havia insistido, no último quartel do século 10 EC, sobre as intervenções na *madinat Balarm*, atribuídas a Ahmad ibn al-Hasan (954-969), especificamente a reorganização das muralhas com a abertura de três novas portas (Bab al-Shifa', Bab al-Riyad e a porta sem nome), ou antes, mas dentro do período kalbita, e a reforma de duas portas nas extremidades do *al-simat*. A leste, o *Bab al-Bahr* dava acesso ao *simat*, diretamente do porto, como atestava uma inscrição em cúfico, da segunda metade do século 10, que a adornava.¹⁸ A oeste do *simat*, provavelmente se localizava a *Bab al-Riyad*, a qual, segundo Ibn Hawqal, foi recentemente construída, substituindo a *Bab ibn Qurbub*. Essas inovações podem ter sido a resposta parcial à ordem do califa al-Mu'izz (953-973 EC) sobre intervenções defensivas em todas as cidades islâmicas em 966-967 EC (METCALFE, 2009). Esse esquema de Balarm kalbita evoca a nova capital fatímida em al-Qahira (Cairo), construída por al-Mu'izz em 969, a qual também tinha esse modelo, ou seja, Bab al-Futuh – Simat – Bab al-Zuwayla.

Portanto, a imagem de Balarm que o *Kitab Ghara'ib al-funun* proporciona no final do período kalbita é a construção e intensificação demográfica de novos bairros e a expansão da cidade além de *al-Qasr al-qadim*. Percebe-se também a oeste de *al-Qasr al-qadim* menção de habitações caracterizadas por passeios, acéguas artificiais de água, regatos, córregos, bosques, pradaria, fontes, jardins e engenhos hidráulicos, ou seja, sítios aristocráticos (*munya*) formando o bairro *Harat tal-Taj al-dawla*, em honra ao emir kalbita Ja'far bin Yusuf. Há indícios, portanto, que, precisamente no período kalbita e nessa mesma área, existiam lugares que lembrariam os futuros parques de caça e os sítios/palácios recreativos normandos (*solatia*), denominados *jannat al-ard*, ou paraísos terrestres. Mais uma vez, há grande semelhança entre essa região de Balarm kalbita e Sabra al-Mansuriyya, a cidade que se tornou a capital dos Ziridas ifriquianos após a transferência dos fatímidas ao Cairo em 973 EC, com seus parques de caça dentro do contexto de palácios reais (CRESSIER; RAMMAH, 2006).

¹⁸ Amari (1854) menciona o desenho do séc. 16 EC dessa porta importante, interpretando a data como 360 H (ou 970 EC), com dois versos corânicos.

Achados arqueológicos

Pode-se dizer que há dados arqueológicos para o conjunto urbano e suburbano de Balarm existentes entre a construção da *Khalisa* em 937-938 e as intervenções arquitetônicas de Jafar bin Yusuf (998-1019) registradas no *Kitab Ghara'ib al-funun* sobre a Sicília, as quais corroboram as indicações documentárias acima registradas? Quase nada se sabe sobre o lugar e as edificações da *Khalisa*: fragmentos de colunas e uma sala, com fino acabamento, abaixo do nível do solo, descobertos no atual Palazzo Chiaromonte-Steri parecem se referir a alguma construção na fortaleza fatímida, e uma pedra, datada para o séc. 10, com inscrições em cúfico, encontrada na atual Via del Parlamento poderia ter sido parte das muralhas da *Khalisa* (PEZZINI, 1998; SPATRISANO, 1984; SPATAFORA, 2005; GIUNTA, 2012). Referente ao *al-Qasr al-qadima*, até o momento não há indícios arqueológicos que corroboram a presença de mesquitas, oficinas, *hammam*, lojas e outras edificações mencionadas por Ibn Hawqal e pelo *Kitab Ghara'ib al-funun* durante o período fatímida-kalbita. Apenas podem ser apresentados os seguintes indícios: um fragmento do piso de tijolo encontrado em baixo da catedral normanda, o qual poderia ter sido uma seção da *masjid al-jami'* kalbita perto do *simat*; um piso batido, datado para os séculos 10 e 11, o qual poderia ter sido a Bab al-Riyad ou Bab al-Abna' (SPATAFORA, 2004).

Referente à situação arqueológica fora de *al-Qasr al-qadima* e *Khalisa* a partir das últimas décadas do século 10, as evidências são: (1) estruturas tecnicamente avançadas e traços de ruas regulares e sistemáticas na área da atual Nuova Pretura e no bairro Castello S. Pietro, ao norte de *al-Qasr al-qadima* e nos contornos de *Harat al-Saqaliba* (ARDIZZONE; ARCIFA, 1995); (2) indícios de armazenamento de alimentos e de recursos hídricos (silos, poços, *qanat*) nas áreas acima e na região próxima ao Museo Archeologico Regionale Antonio Salinas e ao Chiostro di S. Domenico como também no sítio do mosteiro Santissima Trinità-Magione (DI STEFANO, 1991); (3) substrato com metal derretido e cinzas associado a material do séc. 11, oriundo de produção de cerâmica, sobreposto a estruturas prediais provavelmente dos séculos 9 e 10 EC, na região de Palazzo Bonagia e Palazzo Sambuca (DI STEFANO, 1991); (4) escavações na Cuba Soprana mostram uma fase que poderia ser atribuída ao período islâmico, a qual seria uma evidência material da presença de edifícios da elite islâmica, fornecidos com jardins e cursos hídricos fora de *al-Qasr al-qadima* (SPATAFORA, 2005); (5) as duas extensas *maqbara* (necrópoles), datadas entre a segunda metade do século 10 e a primeira metade do século 11, e situadas respectivamente nas regiões nordeste (Castello S. Pietro e Castello a Mare) e sudeste de Palermo (ao lado do suposto sítio da *Khalisa*) (PEZZINI, 2004), requerem estudos mais aprofundados para que, através de uma tipologia específica, se revelem o início e as fases de seu desenvolvimento, como também sua relação com a evolução da cidade.

CONCLUSÃO

A duração da conquista completa da Sicília pelos árabes foi muito maior de que pensavam os aglábidas de Ifriqiya quando enviaram uma frota enorme que aportou em Mazara em 827 EC. A região ocidental foi logo conquistada, as terras foram divididas entre os integrantes do *jund* e milhares de imigrantes foram se assentando nas terras dos autóctones, produzindo grãos e frutos, formando famílias frequentemente híbridas¹⁹ e, aos olhos dos observadores *shi'itas*, praticando um tipo de Islã um tanto diferente daquele de seus ancestrais em Ifriqiya. A antiga Panormos logo foi escolhida para ser a cidade mais importante do emirado aglábida da Sicília. Causa estranheza o fato que há um grande descompasso entre as descrições literárias sobre o desenvolvimento de bairros e de edificações em Balarm narradas por Theodosios, no período aglábida, em 878 EC, e por Ibn Hawqal, al-Maqaddasi e *Kitab Ghara'ib al-funun*, no período kalbita, entre 878 EC e c. 1020 EC, e as extremamente escassas descobertas arqueológicas referentes aos inúmeros palácios, mesquitas, banhos públicos, casas, *funduq*, jardins, necrópoles, moinhos, bairros economicamente pujantes e outros, construídos *studio mirabili*, como confessa Rogério de Hauteville (COLLURA, 1961), existentes entre 827 e 1040 EC.

Os últimos trinta anos da dominação islâmica na Sicília (1030-1061 EC) caracterizam-se por guerras civis onde o poder central dos kalbitas em Balarm, já enfraquecido, desaparece, enquanto facções políticas começam a dominar a ilha. Ao contrário dos resultados decorrentes do fenômeno dos *reinos de taifa* na Andaluzia caracterizado por uma espécie de renascença cultural, a Sicília se fragmentou e se degradou: Balarm ficou sob o comando de al-Hasan ibn Yusuf (1037-1044 EC) e depois, presumivelmente, por um *jama'ah* ou conselho de elites; 'Abd Allah ibn Mankut dominou a região ocidental (Trapani, Marsala, Sciacca e Mazara); Ibn al-Hawwas se apoderou da região centro-sul (Agrigento, Castronovo, Enna); Catânia e Siracusa ficaram sob o domínio de Ibn al-Maklati e Ibn Ath-Thumna, respectivamente. As guerras entre os quatro *qa'id*, de modo particular entre Ibn al-Hawwas e Ibn ath-Thumna, não somente devastaram a ilha e deixaram em ruínas muitos edifícios construídos durante os 230 de regime islâmico, mas serviram como pretexto para que os normandos, situados já no sul da península itálica, aceitassem o convite de Ibn ath-Thumna e invadissem o território. Embora as fontes árabes sejam relativamente silenciosas sobre esses eventos derradeiros, mais destruições prediais no campo e nas cidades aconteceram por conta da invasão normanda cujos soldados sempre agiam *cum ingente strenuitate*. Há informação muito insegura sobre a situação de Balarm nas décadas de 1050 e 1060, e mais ainda sobre os eventos durante e após a invasão normanda em 1071. Se a destruição da *urbs inimica Deo*,²⁰ especificamente da *masjig jami'* no *al-Qasr al-qadim* pode ser referenciada como modelo de *strenuitas*,

¹⁹ Ibn Hawqal emprega a palavra *al-musha'midun*, um termo novo e totalmente inusitado, para mostrar a heterodoxia dos muçulmanos sicilianos. Embora o termo possa ser traduzido pela palavra 'bastardos', não tem entrada nos dicionários árabes e nada se sabe realmente de seu verdadeiro significado (METCALFE, 2009; JOHNS, 2004).

²⁰ Guilherme de Apúlia narra que "para glorificar a Deus, [Roberto Guiscard] destruiu qualquer vestígio do templo da iniquidade; onde havia a mesquita, ele construiu um templo dedicado à Virgem Mãe, ou seja, transformou o trono de Mohammad e do demônio em casa de Deus e uma porta dos céus para os justos" (GUILLAUME DE POUILLE, 1961, p. 36).

não é difícil imaginar a razão atrás da escassez de ruínas de mesquitas, palácios, *hammam*, e da própria *al-Khalisa*, a sede da administração kalbita.

Em todo caso, baseados nas narrativas literárias, com algumas confirmações arqueológicas (as quais certamente serão mais robustas enquanto se realizam outras descobertas), especialmente o layout das duas necrópoles, escavações perto do porto onde presumivelmente se erguia a *Khalisa* com seu arsenal e residência do emir, investigações sob a catedral normanda e na área de Denisinni (fora da *al-Qasr al-qadim*), é inegável afirmar a profunda transformação de Balarm de uma cidade provincial bizantina até a capital polinuclear kalbita. Sobre essas ruínas, os normandos começaram a erguer a capital do reino da Sicília.

REFERÊNCIAS

AMARI, M. *Biblioteca arabo-sicula I*. Torino-Roma: Ermanno Loescher, 1880.

AMARI, M. *Biblioteca arabo-sicula II*. Torino-Roma: Ermanno Loescher, 1881.

AMARI, M. *Storia dei musulmani di Sicilia I*. Firenze; Felice le Monnier, 1854.

ARCIFA, L.; BAGNERA, A.; NEF, A. Archeologia della Sicilia islamica: nuove proposte di reifessione. In: SÉNAC, Ph. (Éd.). *Histoire et archeologie de l'Occident musulman (7^e-15^e siècles)*: Al-Andalus, Maghreb, Sicile. Toulouse: Université de Toulouse, 2002, p. 256-258.

ARDIZZONE, F.; ARCIFA, L. Saggi archeologici nell'area della Nuova Pretura di Palermo. In: DI STEFANO, C. A.; CADEI, A.; ANDALORO, M.(Ed.) *Federico e la Sicilia: Dalla terra alla corona: Archeologia e Architettura*. Siracusa: Lombardi, 1995, p. 293-300.

BELVEDERE, O. Appunti sulla topografia antica di Panormo. *Kokalos*, v. 33, p. 290-291, 1987.

CHIARELLI, L. *A History of Muslim Sicily*. Malta: Midsea Books, 2018.

CICERO, M. T. In Verrem, II, 4, 117. In: YONGE, C. D. (Ed.). *The Orations of Marcus Tullius Cicero*. London: George Bell & Sons, 1903.

COLLURA, P. *Le più antiche carte dell'archivio capitolare di Agrigento (1092-1282)*. Palermo: Manfredi, 1961.

CRESSIER, P.; RAMMAH, M. Sabra al-Mansuriya. Une nouvelle approche archéologique. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, v. 150, n. 1, p. 613-633, 2006.

D'ANGELO, Franco. I caratteri distintivi della Palermo medievale. *Medieval Sophia*. Palermo: Oficina di Studi medievali, v. 15-16, p. 23-37, 2014. Disponível em: http://www.mediaevalsophia.net/_fascicoli/15-16/023-037-d_angelo_ms15-16.pdf.

DE SIMONE, A. Il periodo arabo. Palermo araba. In: LA DUCA, R. (Ed.) *Storia di Palermo: Dal tardo antico all'Islam*. Palermo: Epós, 2000. p. 78-113

DI STEFANO, C. A. Attività della Soprintendenza per i beni culturali e ambientali di Palermo. *Kokalos*, v. 43-44, n. 2, p. 575-577, 1997-1998.

- DI STEFANO, C. A. *Palermo: Di terra in terra. Nuove scoperte archeologiche nella provincia di Palermo*. Palermo: Soprintendenza per i beni culturali ed ambientali di Palermo, p. 255-283, 1991.
- GAROFANO, I. Nuove scoperte archeologiche nel cantiere di restauro della cattedrale di Palermo. *Kokalos*, v. 43-44, n. 2, 587-590, 1997-1998.
- GIUNTA, R. L'epigrafe in arabo di Termini Imerese. In: BAGNERA, A. (Ed.) *Archeologia dell'Islam in Sicilia*. Trapani: Gibellina, 2012. p. 16-19.
- GOITEIN, S. D. *Sicily and Southern Italy in the Cairo Geniza Documents*. Palermo: Società di Storia Patria per la Sicilia Orientale, 1971.
- GUILLAUME DE POUILLE. *La Geste de Robert Guiscard*. Palermo: Istituto siciliano di Studi bizantini e neoellenici, 1961.
- JOHNS, J. Una nuova fonte per la geografia e la storia della Sicilia. *Mélanges de l'École Française de Rome. Moyen Age*. Roma: École Française de Rome, v. 116, n. 1, p. 409-499, 2004.
- MAURICI, F. *Breve storia degli arabi in Sicilia*. Palermo: Flaccovio, 1999.
- MAURICI, F. *Palermo araba*. Palermo: Kalos, 2015.
- METCALFE, A. *The Muslims of Medieval Italy*. Edinburgh: EUP, 2009.
- MOLINARI, A. La Sicilia islamica: Riflessioni sul passato e sul futuro della ricerca in campo archeologico. *Mélanges de l'École Française de Rome. Moyen Age*. Roma: École Française de Rome, v. 116, n. 1, p. 19-46, 2004.
- PELLITTERI, A. The historical-ideological framework of Islamic Fatimid Sicily (4th/10th century), with reference to the works of the Qadi Al-Nu'man. *Al-Masaq*. London: Taylor & Francis, v. 7, p. 111-163, 1994.
- PEZZINI, E. I cimiteri di rito musulmano nella Sicilia medievale. Dati e problemi. *Mélanges de l'École Française de Rome. Moyen Age*. Roma: École Française de Rome, v. 116, n. 1, p. 234-259, 2004.
- PEZZINI, E. Um trato della cinta muraria della città di Palermo. *Mélanges de l'École Française de Rome. Moyen Age*. Roma: École Française de Rome, v. 110-112, p. 719-771, 1998.
- PRIGENT, V. Palermo in the Eastern Roman Empire. In: NEF, A. (Ed.) *A Companion to Medieval Palermo*. Leiden: Brill, 2013, p. 11-38.
- PROCOPIUS. *History of the Wars*. Trans Henry B. Dewing. London: William Heinemann, 1962.
- SAITTA, B. La Sicilia tra incursioni vandaliche e dominazione ostrogotica. *Quaderni Catanesi di Studi Classici e Medievali*, v. 9, n.1, p. 363-417, 1987.
- SPATAFORA, F. *Da Panormos a Balarm*. Nuove ricerche di archeologia urbana. Palermo: Servizio beni archeologici, 2005.
- SPATAFORA, F. Nuovi dati preliminari sulla topografia di Palermo in età medievale. *Mélanges de l'École Française de Rome. Moyen Age*. Roma: École Française de Rome, v. 116, n.1, p. 47-78, 2004.
- SPATRISANO, G. *Nuove ricerche sullo Steri di Palermo*. Palermo, 1984.

TALBI, M. *L'émirat aglabide*: Histoire politique. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1966.

TISSEYRE, Ph. Palermo: Saggi archeologici a Palazzo Bonagia. *Archeologia e Territorio*. Palermo: Palumbo, p. 485-486, 1997.

WILSON, R. *Sicily under the Roman Empire*: The Archaeology of a Roman Province, 36 BC-AD 535. Warminster: Aris and Phillips, 1990.

ZURETTI, C. O. La espugnazione di Siracusa nell'880. Testo greco della lettera del monaco Teodosio. *Centenario di Michele Amari*. v. 1. Palermo: Stabilimento Tipografico Virzi, p. 165-173, 1910.

Data de submissão: 07/04/2019
Data de aprovação: 15/07/2019